

## **A produção de sentidos nos contextos de recepção: em foco o grupo focal**

Ângela Cristina Salgueiro Marques<sup>1</sup>  
Simone Maria Rocha<sup>2</sup>

***Resumo:** O propósito deste artigo é evidenciar o grupo focal tanto como uma metodologia qualitativa afim aos estudos da área de Comunicação quanto um contexto particular de produção e observação de relações intersubjetivas capazes de gerar dados únicos e singulares de análise. Os grupos focais recriam contextos de produção e contestação de representações e sentidos, os quais não excluem as mediações que conduzem nossas práticas sociais e nossa inserção na história, na cultura e no cotidiano. Buscamos, então, revelar como as práticas relacionais geradas pelo grupo focal, podem elucidar dimensões da experiência cotidiana relacionadas à formação de identidades, à prática política, ao questionamento de representações hegemônicas e à articulação de discursos públicos e privados. Para tanto, exploramos um caso empírico específico: a recepção dos quatro episódios do primeiro ano da série Cidade dos Homens (Globo, 2002) em grupos focais realizados em favelas do Rio de Janeiro (Morro Santa Marta) e Belo Horizonte (Barragem Santa Lúcia).*

***Palavras-Chave:** grupo focal, favela, identidade, reconhecimento*

---

### **Introdução**

Os grupos focais são basicamente entrevistas em grupo, cujo foco principal reside na interação do grupo, e não no mero intercâmbio de perguntas e respostas entre o pesquisador e os integrantes do grupo. A interação entre os membros do grupo está baseada em tópicos específicos que são trazidos pelo pesquisador que geralmente assume o papel de moderador do (Morgan, 1997, p.2).<sup>3</sup> Deste modo, nos grupos focais há o uso explícito da interação de grupo para produzir material de análise e *insights* que seriam menos acessíveis de outro

---

<sup>1</sup>Doutoranda em Comunicação Social e pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Mídia e Espaço Público do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG (angelikyt7@yahoo.com).

<sup>2</sup> Professora Adjunta e pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Mídia e Espaço Público do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social UFMG (smarocha@ig.com.br).

<sup>3</sup> Para uma discussão mais detalhada sobre a técnica dos grupos focais, ver Morgan, 1997.

modo. Segundo David Morgan, a interação gerada no encontro de experiências e vozes singulares é a fonte de dados do pesquisador, fazendo com que o método se auto-sustente.

O que há de específico na técnica dos grupos focais? Morgan salienta o efeito de grupo, ou seja, o fato de que “os participantes fazem perguntas uns aos outros e explicam suas posições de forma recíproca” (1996, p.139). Essa habilidade de observar a extensão e natureza do acordo e desacordo entre os participantes é algo único do grupo focal.

Os grupos focais provêm a oportunidade de observar os participantes conduzindo seus próprios testes discursivos, negociando sentidos, confirmando ou desafiando modos apropriados de percepção. (...) Eles podem revelar premissas cognitivas ou ideológicas que estruturam argumentos, *os modos como vários discursos estão enraizados em contextos particulares e experiências específicas são trazidas à tona nas interpretações que marcam a construção discursiva das identidades sociais* (Lunt; Livingstone, 1996, p.88 e 96) (grifos nossos).

Nossa intenção neste artigo é mostrar como o grupo focal pode ser visto não apenas como um metodologia qualitativa de pesquisa, mas como uma mediação capaz de incentivar a produção de sentido em situações de recepção coletiva e evidenciar processos políticos de questionamento de representações, formação e sustentação de identidades, reconhecimento, legitimidade e inserção das questões levantadas por grupos marginalizados na esfera pública.

Pretendemos também, construir uma análise mais complexa da recepção que parte do pressuposto, amplamente difundido e corroborado por diversas pesquisas (Lopes, 2002; Jacks, 1999; Gomes, 2005) segundo o qual a recepção é socialmente construída e diferenciada, mas que procura avançar para além dessa idéia do receptor ativo e articulá-la com práticas político-culturais que motivam lutas por respeito e reconhecimento social a partir do universo simbólico difundido pelos mídia (ou televisão), sobretudo quando estes veiculam representações de grupos de sexualidade estigmatizada, moradores de favela, dentre e outros. No nosso entendimento, a recepção e interpretação coletiva dessas mensagens podem levar à construção de identidades mais politizadas e a um maior conhecimento de grupos marcados pela opressão simbólica.

Ao realizarmos um grupo focal, não nos interessa apenas passar um trecho de um programa televisivo e ouvir as opiniões dos participantes a respeito do que acabaram de ver, mas saber como eles vivenciam aquelas representações ali expostas no seu cotidiano e transportam tal interpretação para seu fazer e agir político. Assim, pretendemos vincular o

grupo focal a uma certa concepção da política enquanto atividade cotidiana de construção coletiva dos significados e sentidos sociais que regem as relações entre sujeitos que, reflexivamente, trocam pontos de vista de modo a buscar entender o outro, a própria condição e seu lugar no mundo.

### **Contextos de ação e recepção na vida cotidiana: para além do espaço doméstico**

A aproximação entre a atividade de ver televisão e as demais atividades práticas que preenchem nossa rotina, leva a muitos questionamentos sobre a inserção, a apropriação e os usos que fazemos das mensagens televisivas, e midiáticas em geral, em nosso cotidiano vivido. É no cotidiano, nas ações que empreendemos nos âmbitos privado e público, que nossas vidas ganham significado e densidade (Silverstone, 1994). Os sentidos produzidos cotidianamente e coletivamente, devem ser por nós entendidos e localizados no espaço social para que possamos alcançar o conhecimento de sua dinâmica e compreender sua política (Martin-Barbero, 2001). Sob esse ponto de vista, a política tomada em sua dimensão cotidiana é gerada nas formas de sociabilidade que permitem a formação de “um mundo compartilhado de significações”, a partir do qual a ação e a palavra de cada um podem contribuir na construção de uma história comum (Telles, 1990, p.28 e 29).

É também na vida cotidiana que, como aponta Michel de Certeau (1994), podemos transcender as representações desvalorizantes e opressoras difundidas pela mídia, utilizando mecanismos criativos de contestação e apropriação, descortinando espaços de luta e antagonismo. Mas as resistências à violência simbólica desencadeadas por tais representações revelam-se não só no ato privado de questionamento ao que se vê estampado na tela da TV, mas principalmente quando há um encontro de experiências, ou seja, quando, por meio da conversação cotidiana, um modo de ver apresenta-se diante de vários outros.

Tal perspectiva nos convida a pensar sobre duas dimensões muito caras aos estudos de comunicação: as representações e as mediações. O estudo conjunto e o diálogo entre essas dimensões coloca-se atualmente como grande desafio aos pesquisadores da área. Para Stuart Hall (1997) a representação faz parte da vida cotidiana das pessoas, é uma forma de conhecimento que se manifesta como elementos cognitivos (imagens, conceitos, categorias, teorias), socialmente elaborada e compartilhada que contribui para a construção de uma realidade comum, pois ela possibilita a comunicação entre as pessoas e modela seu

comportamento (Moscovici, 1995). É justamente esse caráter intersubjetivo que faz com que o estudo das representações dificilmente seja dissociado do estudo das mediações, ou seja, do trabalho de “consumir, assimilar, de dar nossa feição aos produtos, às representações e imagens que nos são disponibilizadas. Um trabalho que não é individual, mas coletivo – vivido socialmente” (França, 2004, p.21).

Privilegiar também as mediações significa dar atenção “às referências culturais e às situações concretas de nosso dia a dia que marcam nosso lugar no mundo e filtram nossa leitura e interpretação dos produtos que recebemos”(França, 2004, p.20). Assim sendo, os estudos que utilizam a etnografia como metodologia qualitativa de pesquisa, registram como principal mediação o cotidiano familiar. Morley e Silverstone acreditam que o contexto típico para a apreensão e análise dos usos que as pessoas fazem das representações dispostas pela TV é o contexto dos lares, das famílias: “precisamos investigar o ato de ver televisão em seus lugares naturais de ocorrência” (1991, p.149). Para Morley (1986), a atividade de ver TV e produzir sentidos acerca das representações por ela veiculadas tem que ser percebida como uma atividade social constitutiva das relações familiares e domésticas através das quais construímos nossas vidas.<sup>4</sup>

Concordamos inteiramente com o fato de que ver televisão deve ser considerada uma atividade social e coletiva. Afinal, a produção de sentido sobre o que vemos não é marcada somente por discursos de natureza privada, mas sobretudo pelos discursos que indicam nosso engajamento múltiplo em espaços diferenciados de convivência, dentre eles a família. O que nos gera certo incômodo é a afirmação, predominante em vários estudos de etnografia da audiência, de que só é possível captar a recepção no espaço doméstico do receptor. Entretanto, partimos da premissa de que existem contextos de ação na vida cotidiana que se definem para além do espaço doméstico.

As mensagens midiáticas fornecem “os pontos de referência, a base comum, o material, o assunto da conversação” (Morley,1986, p.22), contudo, a situação da interação não pode restringir-se ao espaço físico, mais precisamente ao espaço doméstico. Não estamos aqui diminuindo sua relevância, mas ampliando os modos de percepção e composição dos contextos e situações de interação. Precisamos estar atentos ao fato de que as disposições,

---

<sup>4</sup> Para Morley e Silverstone “o lar ou família, enquanto unidade básica de consumo doméstico, oferece o contexto mais apropriado para a investigação naturalística do consumo e produção dos sentidos televisuais, dentre outros”(1991, p.150).

valores, representações, crenças, interesses e percepções que compõem o pano de fundo das biografias particulares e coletivas dos sujeitos os acompanham em quaisquer circunstâncias nas quais eles forem instados a produzir interpretações do mundo, construir narrativamente suas experiências, etc. Silverstone nos chama a atenção para o fato de que “no centro da experiência cotidiana está uma forma de racionalidade prática, que reconhecemos como senso comum” (1994, p.167), e através da qual as formas e a ordem de nossa capacidade de lidar com o que há de familiar no cotidiano ganha forma e se exprime.

Também para Jürgen Habermas, as orientações de nossas ações e julgamentos remetem-se constantemente a um horizonte, sistema de referência ou quadro interpretativo comum, o qual forma o *background* de nossas relações intersubjetivas. Segundo ele, quando os indivíduos deparam-se com uma situação, seja ela nova ou familiar, na qual precisam chegar a um entendimento mútuo com seus parceiros de comunicação, eles recorrem ao conhecimento prático armazenado no “mundo da vida”:

O mundo da vida é representado por um estoque de modelos interpretativos transmitidos culturalmente e organizados lingüísticamente. (...) *Esse estoque de conhecimento abastece os membros com convicções de fundo não problemáticas e comuns que são assumidas como já dadas; é a partir delas que os contextos para a interação intersubjetiva tomam forma, processos nos quais aqueles envolvidos utilizam definições pré-existentes da situação ou negociam novas* (Habermas, 1987, p.124 e 125) (grifos nossos).

Nesse sentido, o mundo da vida de um grupo de atores sempre o acompanha, está sempre presente sob a forma de uma rede transparente de pressuposições, compondo um pano de fundo que o auxilia a interpretar a situação em que se encontra, a antecipar a expectativa dos participantes da comunicação, a expressar seu ponto de vista e a refletir sobre o ponto de vista do outro (Habermas, 1987, p.123 e 131). A situação de interlocução é, então, definida não só pelo ambiente compartilhado, mas, sobretudo pelo conjunto de certezas partilhadas.

Sob essa perspectiva, explorar os modos como as pessoas, cotidianamente, organizam suas experiências, não pode ser algo restrito ao ambiente doméstico. O contexto do mundo da vida nos fornece as referências tanto para a análise das mensagens, quanto para a formulação de nosso posicionamento diante do outro que nos interpela. É preciso perceber que a inscrição da mensagem midiática nas rotinas da vida cotidiana e os usos que dela fazemos se

processam em ambientes diversos, que se intersectam com o auxílio dos conhecimentos disponibilizados pelo mundo da vida.

Assim, não nos interessa aqui defender o uso dos grupos focais como um método quase-etnográfico ou quase-naturalista, mas sim ressaltar a capacidade que apresentam de *recriar situações de conversação cotidiana*, de ocasiões sociais em que as habilidades críticas dos participantes emergem no momento em que se encontram reunidos para trocarem experiências, pontos de vista, argumentos acerca de um determinado tema ou assunto.

O grupo focal não é um agregado conveniente de opiniões individuais, mas uma simulação desses contextos comunicativos rotineiros, mas relativamente inacessíveis que nos ajudam a descobrir os processos através dos quais o sentido é socialmente construído através da fala cotidiana (Lunt; Livingstone, 1996, p.85).

Por isso, acreditamos que, ao invés de nos preocuparmos com a não-naturalidade da situação construída, seja mais proveitoso usar o grupo focal para encorajar as pessoas a se engajarem umas com as outras, a expressarem verbalmente suas visões de mundo e descortinarem estruturas cognitivas que antes se encontravam desarticuladas. A produção e reprodução de sentidos e significados depende tanto desses contextos relacionais de grupo, quanto da conversação e discussão pública de temáticas, mesmo que reproduzidas em uma situação de pesquisa.

Antes de passarmos aos exemplos empíricos, julgamos pertinente apresentar, ainda que em linhas gerais, a idéia central presente nos roteiros dos episódios de *Cidade dos Homens*. Em seguida, passaremos à discussão de como os grupos focais podem funcionar, nos estudos comunicacionais, como método e como situação comunicativa capaz de reunir representações e mediações de modo a revelar como, por exemplo, a favela pode ser uma mediação para pensarmos questões vinculadas ao reconhecimento e à identidade aliando questões políticas à produção de sentido sobre mensagens midiáticas específicas.

### ***Cidade dos Homens e a favela***

A série *Cidade dos Homens* aborda a vida de dois garotos adolescentes, Laranjinha e Acerola, sua vida no morro e os problemas enfrentados como a violência, a carência material, a falência do ensino público, o preconceito social e racial, dentre outros. No nosso entendimento, esse programa mostra o morador de favela de outro modo, ou seja, de um

modo mais complexo, que escapa a associações mecânicas que ligam violência e criminalidade à favela, sem levar em conta quaisquer outros elementos. Essa parece ser a “leitura preferencial”<sup>5</sup> dos codificadores desse programa: despertar para o fato de que há humanidade nesses lugares, pessoas comuns e vida em comunidade, crianças e sua ingenuidade e não apenas a “lei do tráfico”, a violência e a criminalidade.

Grande parte daquilo que foi recolhido na mídia impressa nos períodos de exibição da Série<sup>6</sup>, bem como os depoimentos dos realizadores do programa parece ir ao encontro desta codificação. George Moura, um dos diretores da Série, ressalta que,

Quando *Cidade dos Homens* chegou a TV a idéia era fazer uma espécie de “anti” *Cidade de Deus*, ou seja, revelar que na favela existem os dramas cotidianos, que não obrigatoriamente se resumem ao problema da violência gerado pelo tráfico de drogas. *Cidade dos Homens* durante esses anos todos mostrou isso, ao fazer uma *crônica da vida privada* dos seus personagens principais<sup>7</sup>.

A tentativa de expor esses dramas cotidianos também é captada pela jornalista Maria do Rosário Caetano, quando compara a Série *Cidade dos Homens* com o filme *Cidade de Deus*, do qual ela se originou,

Outro diferencial entre *Cidade dos Homens* e *Cidade de Deus* se dá na abordagem da vida cotidiana. No filme, os favelados – negros em sua maioria – parecem viver em função da guerra do tráfico. Já na série da Globo, há vida cotidiana, avós doentes precisando de remédio e criança querendo comer hambúrguer ou pastel<sup>8</sup>.

Mas será que essa leitura preferencial realmente encontra eco nas interpretações feitas por adolescentes que moram nas favelas? Como a estruturação de grupos focais pode nos auxiliar não só a perceber as negociações dessas interpretações, mas também o modo como o

---

<sup>5</sup> Estamos nos referindo aqui a uma das leituras típico-ideais propostas por Stuart Hall (2003) em seu texto “Codificação/decodificação” quando este autor trata do processo de codificação de mensagens televisivas e suas possibilidades de construção de significados (leituras) a serem feitas pelo telespectador. Além da leitura preferencial, aquela cuja interpretação estará de comum acordo com os objetivos do codificador, o autor aponta a leitura negociada e a leitura oposicional.

<sup>6</sup> Inserimos essas matérias apenas a título de exemplo das linhas gerais da interpretação que estavam sendo feitas acerca da Série durante sua exibição. Contudo, devemos frisar que não se trata de opinião consensual. Muitos outros aspectos animaram esse debate sobre “a periferia na TV” dentre eles a alegada estetização da favela, a espetacularização da pobreza, a infantilização do foco narrativo. Porém, não nos cabe, no âmbito da discussão aqui proposta aprofundar nas diferentes nuances que fizeram parte desse debate.

<sup>7</sup> Essa fala foi extraída de uma entrevista realizada via web em 24/10/05.

<sup>8</sup> Caetano, Maria do Rosário. *Cidade dos homens ganha as telas da Globo*. O Estado de São Paulo, 15/10/02.

processo de questionamento e troca de pontos de vista amplia a prática política desses adolescentes?

### **Um contexto instaurado para a troca reflexiva: a mediação do grupo focal**

As escolhas metodológicas que guiam esta pesquisa estruturam-se do seguinte modo: primeiro identificamos que *Cidade dos Homens* era uma narrativa construída a partir da visão de seus protagonistas, dois adolescentes, Acerola e Laranjinha. Isso levou-nos a procurar adolescentes para participar da pesquisa. Em seguida, como nosso propósito era o de discutir sobre a construção político-cultural da identidade dos moradores de favela, a questão do reconhecimento numa perspectiva ampliada de política, procuramos jovens que tivessem algum engajamento político na comunidade (a política como mediação) no intuito de compreender como essa mediação os auxilia na construção de sua visão de mundo, de seu auto-entendimento e de sua auto-identidade. E, por último, pretendíamos analisar em que medida aquela Série, que claramente fazia referência aos morros do Rio de Janeiro, seria interpretada por um público, também morador de favela, mas de outra cidade, no caso, Belo Horizonte.

Nossa indagação era a seguinte: aquela representação poderia ser generalizável para outros contextos? A partir desse desenho, partimos para o contato com dois grupos de jovens: o grupo ECO, no Morro Santa Marta, local onde foi filmada a maior parte da Série e o núcleo Agente Jovem – que é fruto da parceria de ONG's com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte que objetiva oferecer uma alternativa aos adolescentes no período em que não estão na escola – da Barragem Santa Lúcia em Belo Horizonte<sup>9</sup>. Em ambos os grupos os adolescentes têm entre 15 e 18 anos. Nossos encontros iniciais se deram nos meses de agosto e setembro de 2005 nos quais apenas participamos das reuniões dos respectivos grupos, bem como visitamos algumas casas, participamos de eventos culturais para, oportunamente, expormos o motivo de nossa presença. Depois desses contatos passamos, nos meses de outubro, novembro e dezembro/2005, a realizar efetivamente os grupos focais que constavam

---

<sup>9</sup> No caso do Grupo Eco (RJ), os adolescentes se reúnem semanalmente, com uma dinâmica que inclui maior entrosamento no grupo, mas também discussão de temas relevantes como política de um modo geral, a importância das ações coletivas e da vida na comunidade, debates sobre filmes, drogas, saúde, sexualidade etc. Quanto ao Agente Jovem (BH), os jovens se reúnem 3 vezes na semana com uma programação que também envolve discussões e debates dos temas acima descritos, além de atividades esportivas.

da exibição dos 4 episódios do primeiro ano da Série seguida da discussão com o grupo<sup>10</sup>. A dinâmica era orientada pelo roteiro semi-estruturado que foi dividido em 3 eixos: i) o morro e a televisão; ii) os moradores de favela na televisão; iii) é possível uma mobilidade simbólica: morro e asfalto e não morro x asfalto? Foram realizados dois grupos focais em cada favela: em BH os grupos contaram com 10 participantes cada, e no RJ, os grupos variaram entre 3 e 6 participantes. Um último esclarecimento deve ser feito em relação ao registro das opiniões e considerações que os adolescentes fizeram acerca do seriado. Este registro se deu principalmente de 3 modos: através da gravação das discussões realizadas, através dos depoimentos individuais que alguns quiseram dar e através do registro por escrito que, no caso do primeiro grupo realizado em BH, a maioria preferiu fazer.<sup>11</sup>

Ao analisar a Série, ouvir seus realizadores e angariar opiniões nos mídia, pudemos constatar aquela que seria a leitura preferencial. Contudo, faltava nesse “debate” a voz dos receptores, daqueles que *Cidade dos Homens* pretendia retratar, ou seja, os moradores de favela. Interessava-nos saber se eles configuravam uma leitura condizente com a preferencial ou se eles negociavam algum sentido que, em sua opinião, não havia sido considerado na produção daquela mensagem. Buscamos, então, perceber e discutir em que medida a recepção de um produto cultural televisivo que aborda a vida numa favela, ampliando-a para além da violência e do tráfico, pode engendrar práticas político-culturais fomentadoras do debate e possibilitadoras da construção da identidade do morador de favela.

### **Barragem Santa Lúcia, Belo Horizonte**

Após a exibição dos episódios da Série, os adolescentes revelaram um incômodo inicial alegando que aquilo “não era verdade”. E ao longo do debate as opiniões foram ganhando mais densidade, foram tornado-se mais argumentativas. A discussão girou em torno de duas questões principais, embora em meio a elas outros aspectos também tenham sido levantados, gerando controvérsias. A primeira questão seria a de que a Série mostra

---

<sup>10</sup> Em todos os grupos focais coube à pesquisadora Simone Maria Rocha o papel de moderador do debate.

<sup>11</sup> Cabe aqui agradecer às instituições e pessoas que colaboraram de forma efetiva na realização dessa pesquisa tais como: o Movimento Viva Rio, o Grupo ECO, o Projeto Agente Jovem Núcleo Barragem Santa Lúcia (PBH), Pedro Strozemberg, Itamar, Flaviana, William, Márcia Maria, Fátima, bem como aos adolescentes que se dispuseram a participar das discussões e debates realizados.

apenas a violência, o poder do tráfico, a falta de segurança deixando de lado aspectos positivos que as comunidades teriam a mostrar:

Moderador: Como vocês acham que a favela foi mostrada através desse programa?

Elisandra: Através que os boyzinhos achavam que mesmo só porque eram negros e povo de favela que eram pivetes, eram malandros, que iam assaltar eles.

Danilo: Só mostrou o lado feio da favela, o lado sujo, o lado obscuro da favela. Não mostrou as outras coisas que a favela tem.

Rita: Até pelo próprio horário que o programa foi exibido. Será que era tão violento que teria que ser exibido àquela hora? Por quê? Na favela só tem violência? E por que então que a gente tá aqui?

Evandro: Eu acho que sim porque só mostrou muita arma, mostrou muita drogas na favela. E não é só isso, não é tanto assim.

Elisandra: Mas, eu acho interessante ver filme assim, mostrando a favela, a realidade que a gente vive.

Rose: Não, teve o lado positivo também. Foi o sentimentalismo, também, né? Dos meninos. Foi bom para as pessoas verem que quem mora na favela também tem sentimentos.

Rita: Mas, será que as pessoas precisam que passem na televisão para elas verem isso?

Danilo: Igual eu já falei. Muitas pessoas que moram lá embaixo, que tem dinheiro, acham que todo mundo que mora é marginal, que todo mundo que mora aqui é ladrão, safado, sem vergonha, que não tem nada para fazer. Mas, não é assim. Tem gente que trabalha, tem gente que quer ver seu filho crescer. Tem muitos universitários nesse bairro aqui. A gente aqui não é só malandro. Malandro aqui, vamos dizer, não é nem 1%; 2 ou 1%. 1,5%.

Nossa intervenção nesse debate deu-se muito no sentido de alertá-los para o fato de que, de tão acostumados a verem a favela representada de modo negativo, não estariam eles pré-dispostos a interpretar qualquer mensagem desse modo? Julgamos oportuna essa intervenção tendo em vista as oscilações e as contradições que as opiniões revelavam, ou seja, ao mesmo tempo em que protestavam em relação ao enfoque dado à violência, procuravam revelar que seu ambiente era, sim, violento.

Moderador: Eu queria insistir se vocês já não estão com um “pé atrás” e por isso têm dificuldade de reconhecer *Cidade dos Homens* uma representação diferente, um jeito diferente de mostrar a favela se nós observamos, por exemplo, que no último episódio – Uólace e João Vítor – não se fez nenhuma referência ao tráfico.

William: Isso que eu ia falar agora. Isso já é automático. A pessoa já procura uma coisa para identificar aquilo que ela vive cotidianamente, entendeu? Se ela não encontra ela tenta de alguma maneira mostrar isso de qualquer jeito. E isso mostra o quê? Mostra que a gente não está acostumado ver um programa, ver uma minissérie, ver alguma coisa na televisão tentando mostrar nossa realidade. Porque assim, *Cidade dos Homens* está tentando representar ainda muito pouco, tem muita coisa que deve ser mostrada, mas está tentando. Assim, está tentando mostrar, mas mesmo assim a gente tem muita resistência, sabe? O pessoal vê as coisas, igual eu tô vendo o Danilo falar, e tenta buscar alguma coisa que justifica ele falar só sobre essa questão da violência.

Rita: Mas, mesmo assim teria que ter mais espaço na mídia, né? Por que você vê que o Programa é de temporada em temporada, a hora que é, dificilmente dá para muitas pessoas assistir.

William: Eu acho que é mais um estigma mesmo. A pessoa de tanto viver aquilo, ela procura de certa maneira, acho que tenta se encontrar naquela situação mostrada.

A segunda questão que norteou o debate seria a de que a Série é mais apropriada como referência para favelas do Rio de Janeiro do que para as de Belo Horizonte. Essa questão foi muito importante na construção do diálogo e na afirmação de quem eles seriam, qual sua identidade, como queriam ser vistos e como viam os outros. A marcação da diferença entre o “nós” e o “eles”, o “aqui” e o “lá” revela uma posição crítica com relação à prática política no contexto de espaços sociais distintos. Somado a isso, quando perguntamos o que pensavam acerca da violência no morro, os participantes identificaram nos episódios uma realidade que causa estranhamento, justamente porque construída em cima de uma representação pouco móvel, isto é, uma representação que não pode ser generalizada, uma vez que permanece atrelada ao que o senso comum designa como “a favela carioca”:

Danilo: Bom, aqui é menos, aqui é diferente, aqui é menos perigoso do que lá. Eu estou falando menos perigoso assim, menos violento. Lá o tráfico é mais pesado do que aqui. Não tem como falar que não é.

Moderador: Vocês acham que lá o tráfico está mais presente...

Elisandra: As gangues são mais perigosas. Igual, por exemplo aqui também tem gangues rivais que nem igual o Morro e lá em baixo, mas não são tanto assim não. Não pode nem passar, atravessar, tem gente que mora lá embaixo e não pode subir aqui em cima. Aqui não tem o comando que tem lá, na boca...

Rita: Mas, eu discordo de vocês dois porque o que a gente tá vendo é o que a mídia tá mostrando, a gente não foi lá, não conviveu um dia lá, para saber como é que é lá. A gente vê aqui o que passa na televisão, entendeu?

Danilo: uma coisa que eu queria falar porque eu não consegui concluir. A realidade, é aquela realidade como tá lá. Lógico, que nem você falou, que lá não é tudo aquilo. Mas, vamos convir que tem um pouquinho daquilo sim. É lógico que tem seu lado beneficente, tem o Criança Esperança, outros projetos...

Elisandra: É. Um tráfico mais violento com certeza é. Não tem nem comparação Cidade dos Homens com aqui. Que nem eu falei que são gangues rivais pior do que aqui na Barragem, no Morro, aqui na favela. Nossa senhora! Se eu morasse num lugar igual esse dali, eu mudava. Igual, por exemplo, na Rocinha, no Rio de Janeiro, é igual aquela realidade mesmo. Porque na Rocinha tem que ter permissão pra tudo, pra entrar, pra sair, até polícia tem que ter permissão pra entrar lá. Toda mão que entra polícia lá pra trocar tiro com os bandidos, ou morre a polícia ou morre os bandidos.

Por meio do debate acima exposto, podemos dizer que as representações presentes em *Cidade dos Homens* e destacadas pelos participantes dos grupos focais de BH tanto podem provocar uma mobilidade simbólica - que visa ao questionamento de estereótipos - quanto

um movimento de construção do conhecimento acerca do próprio mundo e do mundo do outro. Por meio da troca argumentativa, esses participantes procuravam configurar sua identidade e a do morador de favela de um modo mais complexo que, ao mesmo tempo, lida com a presença da violência e do tráfico procurando evidenciar outras dimensões do cotidiano centradas no repúdio à criminalidade.

### **Morro Santa Marta, Rio de Janeiro**

No contexto dos grupos focais realizados no RJ a leitura preferencial foi construída em torno de dois aspectos: o primeiro seria o fato de que aquilo que é mostrado na Série condiz, sim, com a realidade vivida no morro. Já o segundo aspecto, origina-se da tentativa de não tomar a violência como sinônimo único de cotidiano vivido. Para os participantes, a Série mostra a realidade, contudo, centra seu foco na violência:

Monique: eu acho que o filme volta mais para essa realidade. Assim, eu acho que no morro tem milhões de coisas acontecendo sem ser muito focado nisso, na criminalidade. Só que o objetivo do filme é mostrar o foco na criminalidade.

Sérgio Henrique: Não me impressiona não. Pra mim já ficou uma coisa muito normal, virou uma rotina. Não constantemente, mas, infelizmente, é o que a gente vê na realidade. Então, não tem aquela coisa para surpreender. Mas ele só mostra o lado negativo da comunidade, da favela (...) só mostra preto, favelado, marginal.

Angélica: Acho que hoje em dia as pessoas que moram na rua, no caso, no asfalto, ao ver o filme afirma mais ainda o que eles pensam dos favelados. E eles pensam que no morro só tem guerra, marginais e tráfico.

Vanessa: Bom, no filme [na série] o que eu acho é que, no cotidiano só mostrou o lado negativo, pois na comunidade não tem só tiro, mas também tem as atividades. Eu acho que eles queriam mostrar tanto a realidade que acabaram se aprofundando somente no lado negativo, como crianças pensando no crime, adolescente na boca de fumo, várias pessoas trocando tiros pra lá, pra cá...

Fátima: Nesses episódios que eu vi, por exemplo, os dois primeiros que eu vi, eu acho que eles foram muito verdadeiros, eu acho que eles não exageraram. É claro que no Morro não é o tempo todo do jeito que eles mostraram, claro que não. (...) Mas que é verdade que acontece aquilo, é verdade sim. (...) Eu acho que nesses episódios desse negócio aí, eu acho que eles foram muito felizes no que eles mostraram.

Mas, cabe registrar novamente aquela questão de um sentido compartilhado, pré-reflexivo que, de alguma maneira, está circulando no imaginário dessas pessoas, ou seja, por mais que possam concordar com isso ou aquilo que foi representado, no momento seguinte preferem ancorar seus argumentos e sua opinião com base naquela idéia pré-concebida

segundo a qual quando a televisão (ou “a mídia”) representa a favela, o faz apenas com o intuito de denegrir sua imagem, de “piorar as coisas”, de passar uma idéia de que lá seria um verdadeiro caos: a lei do tráfico, o império do medo.

Nesse sentido, o segundo aspecto que identificamos como preferencial nos grupos focais visou retrucar o primeiro, ou seja, a Série privilegiou apenas e tão somente a violência e seus desdobramentos e não se encarregou de mostrar o “outro lado” da vida no Morro, um lado que procura se distanciar dessa violência, embora conviva com ela, privilegiando a vida em comunidade, as iniciativas comunitárias, etc. As discussões realizadas nos grupos do RJ foram muito interessantes porque, ao se verem na TV, os adolescentes puderam tanto identificar-se com quem são, e com a comunidade onde vivem, quanto afastarem-se daquela representação ao dizerem o que faltava nela e como queriam ser vistos<sup>12</sup>. Ou seja, complexificaram suas identidades tanto admitindo a violência quanto reivindicando um outro lado da vida em comunidade que gera solidariedade e que, na sua opinião, não foi retratado em Cidade dos Homens.

Marcos: tem certas coisas que acontecem aqui na comunidade que não aconteceu naquilo que passou na televisão.

Bruno: só mostrou esse lado do crime, da violência, do racismo. Aqui tem projetos, tem várias ONG's...

Fátima: Eu acho que se eles quiseram realmente fazer isso, derrubar um pouco as barreiras da favela, eu acho que falta muita coisa. Porque o que eles mostraram da favela acaba sobrepondo-se às coisas boas que tem nela, coisas boas que foram tão pequenininhas que eles mostraram ali dentro do filme, entendeu? Ou seja, não foi suficiente. A amizade é uma coisa linda (...) mas para ajudar o amigo ele vai lá na boca, quer dizer mostra o garoto com uma intimidade com a boca e não é bem assim as coisas, não é essa intimidade toda, entendeu? Não é qualquer um que vai na boca toda hora, o quê que é isso? Não é assim não.

Sérgio Henrique: Não me surpreende, pois o que mostra no filme para mim já é uma realidade. Me surpreenderia se mostrasse outra coisa porque, assim, o que mostrou no filme é uma realidade em termos, foi, no caso, só coisas negativas a respeito da favela, de uma comunidade. O tempo todo passou tiroteio, parece até que o Morro vive constantemente em guerras, entendeu? (...) Sinceramente, se a idéia base fosse aproximar a favela e o pessoal do asfalto, na minha opinião, eu acho que eles fizeram um péssimo trabalho. Porque não foi bom.

---

<sup>12</sup> A participação dos adolescentes do Morro Santa Marta tanto na elaboração dos roteiros quanto na atuação dos episódios e até mesmo na improvisação das cenas, levou a um desafio ao tipo de representação estereotipada em questão (favelados), em favor de uma representação mais multifacetada (moradores de favela), na medida em que, aqueles diretamente afetados por ela, também puderam lançar mão de sua visão de mundo e de seus códigos compartilhados para entrar na construção desse diálogo representacional. Contudo, é preciso frisar, trata-se de uma representação transformada em ficção para a TV. Não há um realismo ingênuo, nem tampouco trata-se de um documentário.

Vimos anteriormente, que um dos “avanços” da Série identificados pelos produtores e agentes da mídia foi o modo de abordar a vida cotidiana, inserindo preocupações e dramas ligados à família, escola e trabalho. Contudo, para os participantes, isso não demonstra em nada os aspectos positivos da favela:

Moderador: Mas não tentou mostrar alguma coisa diferente da violência? Por exemplo, os garotos indo para a escola, preocupados com a avó, com a irmã, a amizade, ou seja, uma outra representação da favela e de seus moradores?

Marcos: Sim, é claro. Se minha mãe estiver passando mal, é claro que eu vou me preocupar com ela.

Isabele: Eu não acho que esse tipo de preocupação demonstra o lado positivo da favela. Eu acho que não. Porque se você pegar qualquer criminoso que ta aqui, lógico que se preocupa com a mãe. Do mesmo jeito que uma pessoa normal se preocupa com a mãe. Não acho que existe um lado positivo específico da favela.

Monique: Até quando você falou da amizade entre o Acerola e Laranjinha, que o Laranjinha deu o dinheiro para o outro, mesmo assim a amizade levou o Laranjinha a fazer uma coisa ruim que foi na boca do tráfico pedir dinheiro.

Fátima: O problema é que da maneira que eles mostram, a impressão que dá é que a maioria do morro é assim, mas não é isso, sabe? É a minoria, entendeu? O pessoal trabalha, o pessoal desce, estuda, nem tem tempo pra ficar de brincadeira no meio do caminho.

Sérgio Henrique: Até o lado bom, o lado que poderia ser bom foi uma coisa meio... O seguinte: na escola, mostrava eles na escola, mas você viu que a todo momento, não mostrou em momento nenhum eles assistindo uma aula decente.

Fátima: sempre tumultuada.

O debate foi fortalecendo esse tipo de opinião do grupo e criou oportunidades para que os participantes pudessem, no momento da discussão, expor criticamente seus pontos de vista, confirmar algum sentido já compartilhado, pensar sobre o que estava sendo dito e reconhecer a importância que representações como essas podem ter ao subsidiar a imagem que será construída por aqueles que não são moradores de favela. Um último aspecto que procuramos suscitar no debate foi aquele que dizia respeito à possível aproximação dos mundos, morro e asfalto, a partir da contribuição dada pela mídia e qual a opinião deles sobre isso. A crítica ao fato de os meios de comunicação veicularem apenas a violência veio contundente:

Sérgio Henrique: A gente tem tantos projetos aqui. Produção de eventos, sonoplastia. Olha a gente ficou fazendo esses cursos um tempão, mas a gente não vê uma notícia de nada, nada. Isso é que é impressionante.

Angélica: Mas isso não vai vender. Ninguém vai querer comprar o jornal porque dois garotos da favela tão fazendo a formatura de um curso. Eles querem ver o quê? Querem ver tiroteio, querem ver quantas pessoas morreram, quem foi baleado, quem não foi. Eles querem vender isso, não querem vender dois favelados fazendo uma formatura. Eles não estão nem aí, não vai trazer nada pra eles, entendeu?

Essa discussão aponta para o papel ambíguo que os mídia exercem na construção da ação política nas sociedades contemporâneas. Eles não se configuram apenas como atores estratégicos que visam alcançar os próprios interesses, mas, por outro lado, dão corpo a um espaço de visibilidade essencial aos sujeitos e grupos que desejam vencer a violência simbólica através da luta pelo reconhecimento. Tal luta se dá por meio da contestação de representações desvalorizantes nas conversações cotidianas, movimento que configura uma dimensão política capaz de envolver grupos e indivíduos em um processo amplo de debate.

### **Conclusão**

Procuramos argumentar que nosso propósito ao adotarmos o grupo focal como metodologia de pesquisa apóia-se no fato de que esse método motiva os sujeitos a entrarem na discussão do tema, expor suas opiniões e defender seus argumentos. Nessa dinâmica, o intercâmbio de razões e opiniões possibilita a ampliação ou contestação da visão e do entendimento de mundo que cada um possuía antes de entrar nesse diálogo o que, a nosso ver, enriquece o sentido de política como processo social cotidiano e não meramente institucional. Isso torna-se particularmente relevante tendo em vista que a construção da identidade, o (re) conhecimento do outro como moral e politicamente igual, seguindo a perspectiva habermasiana, implica a participação na troca comunicativa para que cada um tenha a oportunidade de expor a si mesmo racionalmente e conquistar o respeito perante os demais.

Nos grupos focais as opiniões são vistas enquanto construções em transformação, como produto de um processo dinâmico de interação e debate. Deste modo, a aplicação dessa metodologia ao estudo da recepção não se restringe à busca de uma interpretação, mas privilegia a processualidade intersubjetiva que a origina, bem como à incorporação que é feita dessas mensagens nos processos públicos de construção identitária, da produção e ampliação de entendimentos sobre o mundo e a realidade vivida e na reflexão sobre a prática cívica dos participantes. Assim, ao escolhermos grupos já existentes que se reuniam periodicamente tanto na Barragem Santa Lúcia (BH) quanto no Morro Santa Marta (RJ), procuramos mostrar que a rede de conversações cotidianas que envolvem os sujeitos ultrapassa o espaço privado do lar, englobando espaços políticos de reflexão sobre a

experiência vivida desses grupos. Afinal, as pessoas transitam por diferentes espaços que marcam sua trajetória rotineira de interação e conversação.

Os grupos focais realizados em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro mostram que as representações contidas em *Cidade dos Homens* não podem ser automaticamente transpostas para os contextos de vida dos participantes. Vimos que o debate desencadeado pela Série nos grupos de BH apontava que as representações não condiziam com a realidade. Contrariamente, os participantes do RJ reconheciam as cenas e situações como similares às suas experiências. No entanto, no decorrer da troca de pontos de vista, os participantes revelavam que mesmo aquelas representações que - sob o ponto de vista dos produtores - procuravam retratar um cotidiano multifacetado, não revelavam o que – sob o ponto de vista dos participantes – é a verdadeira pluralidade do cotidiano das favelas.

Nossa tentativa aqui foi a de vincular a recepção – tida como atividade socialmente construída – aos estudos que estão sendo realizados na interface da comunicação com a política dando voz aos sujeitos políticos que constroem e reconstróem suas visões de mundo, seu entendimento e compreensão da vida social no intercâmbio com o outro, nas trocas intersubjetivas que, no caso aqui mostrado, foram concretizadas graças à dinâmica do grupo focal.

### Referências Bibliográficas

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FRANÇA, Vera Veiga. “Representações, mediações e práticas comunicativas”. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato; FIGUEIREDO, Vera Lúcia (orgs.). *Comunicação, representação e práticas sociais*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2004, pp. 13-26.
- GOMES, Itania. *A investigação do processo comunicativo em duas tradições de investigação sobre os media*. Editora E-papers, Rio de Janeiro, 2005.
- HABERMAS, Jürgen. *The Theory of Communicative Action, v.2, Lifeworld and System: a critique of functionalist reason*. Boston: Beacon Press, 1987.
- HALL, Stuart. Codificação/Decodificação. *Da diáspora, identidades e mediações culturais*. SOVIK, Liv (org). BH: Editora da UFMG, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Representation, cultural representations and signifying practices*. 1ª. Edição. UK: Sage, 1997
- HANSEN, Anders et al. “Media audiences: focus group interviewing”. In: *Mass Communication Research Methods*. New York: New York University Press, 1998, pp. 257-287.
- JACKS, Nilda. *Querência: cultura regional como mediação simbólica*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo. *Vivendo com a telenovela*. Sp: Summus Editora, 2002.
- LUNT, Peter; LIVINGSTONE, Sonia. “Rethinking the focus group in media and communication research”. In: *Journal of Communication*, 46 (2), 1996, pp.79-98.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2. Edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

- MORGAN, David. *Focus Groups as qualitative research*. London: Sage, 1997.
- MORLEY, David. *Family Television: cultural power and domestic leisure*. London: Routledge, 1986.
- MORLEY, David; SILVERSTONE, Roger. "Communication and context: ethnographic perspectives on the media audience". In: JENSEN, Klaus B.; JANKOWSKI, Nicholas W. (eds.). *A handbook of qualitative methodologies for mass communication research*. London: Routledge, 1991, pp. 149-162.
- MOSCOVICI, Serge. "Prefácio". *Textos em representações sociais*. Pedrinho Guareschi, Sandra Jovchelovitch (orgs). 2ª. Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- ROCHA, Simone Maria. Favela, soma de exclusões e assimetrias: em busca de uma mobilidade simbólica na cena midiática. *Contemporânea*. Revista de Comunicação e Cultura/Journal of Communication and Culture, Salvador, v. 3, 2005, pp.185-217.
- SILVERSTONE, Roger. *Television and Everyday Life*. London: Routledge, 1994.
- TELLES, Vera Silva. "Espaço público e espaço privado na constituição do social: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt. In: *Tempo Social*, v.2, n.1, 1990, pp.23-46.